

Coletivo FAU Social - Praça Só Alegria, Jardim Jaqueline

Isabel Samaia, Marina Vasarini Lopes, Vitor Micelli e Patrick Moraes de Lima*

Resumo

No início de 2016, ano de fundação da FAU Social, o projeto da Praça na comunidade do Jardim Jaqueline se provou desafiador para os membros da entidade. Com um Grupo de Projeto de alunos que continha desde ingressantes do primeiro ano até ex-alunos, foi uma experiência incrível e o conhecimento adquirido pelo trabalho prático enriqueceu muito a formação de todos.

O objetivo inicial era revisar o projeto realizado por um grupo de extensão composto pelos alunos Daniel Collaço e William Valério, sob a orientação da Profa. Dra. Karina Leitão e propor formas de executá-lo, após passar pelo crivo da comunidade e suas líderes Nívia e Bete em assembleia.

Áreas de estar, mini quadra poliesportiva, teatro, equipamentos de ginástica, caixa de areia com brinquedos para as crianças e horta comunitária foram usos que delinearam o programa da praça.

A vontade do Grupo de Projeto, desde o início, foi de aproximar a comunidade da praça antes dos processos de obra terem sido iniciados. Resolvemos, então, realizar mais um momento de aproximação com a comunidade para alinhar as últimas demandas e, em seguida, enviar a versão final do projeto para a o departamento de Projetos e Obras da Subprefeitura de São Paulo.

Para isso, foi feito um café da manhã no terreno, contando com a presença de interessados da comunidade e muitas crianças, que já começaram a ter o primeiro contato com a praça. Todos puderam dar suas sugestões e críticas, mostrando o orgulho de um povo que luta diariamente para morar dignamente.

Abstract

At the beginning of 2016, the year FAU Social was founded, the Square Design, in the community of Jardim Jaqueline, proved to be challenging for its members.

With a Project Group composed by first-year to graduated students, it was an incredible experience and the knowledge acquired by the practical work greatly enriched the formation of all of us.

The initial objective was to review the project carried out by an extension group composed by the students Daniel Collaço and William Valerio, under the guidance of Profa. Dr. Karina Leitão and to propose ways of executing it, after passing through the riddle of the community and its leaders Nívia and Bete, in assembly. Living areas, sport court, theater, gym equipments, playground and community vegetable garden were uses that outlined the program of the square.

The Project Group's desire, from the beginning, was to bring the community closer to the square before the construction started. Therefore, we decided to take another moment of approach, aligning the last demands of the community. Then send the project's final version to the department of Projects and Works of the Municipality of Sao Paulo.

Thus, a breakfast was made in the area of the square, with the presence of community stakeholders and many children, who had the first contact with the square. Everyone could give their suggestions and criticisms, showing the pride of a people who struggle to live in dignity.

Keywords: Square, Jardim, Jaqueline, FAU, Social

Palavras Chave: Praça, Jardim, Jaqueline, FAU, Social

Introdução – A FAU Social e alguns de seus projetos

FAU Social é uma entidade criada por alunos da FAUUSP em 2016 que apresenta um outro modelo de Extensão Universitária, entre os vários possíveis, sendo completamente administrada por estes, representando uma organização horizontal, não havendo uma figura de liderança acima do restante do grupo. A entidade atua no intuito de atender demandas reais de grupos da sociedade que pouco tem acesso à serviços de Arquitetura, Urbanismo e Design, através da realização de projetos e atividades por alunos ou ex alunos da FAUUSP ou da POLI por meio do programa de dupla formação, consultando alguns professores quando necessário. É, acima de tudo, comprometida com valores de responsabilidade social, transparência, construção conjunta e retribuição à sociedade pois acreditamos que as ações que buscam ter tais características são mais benéficas socialmente. A entidade existe em um universo maior das várias Sociais da USP, ao lado da Fea Social, Poli Social, EACH Social, Sanfran Social, Sanca Social e outras que estão por vir.

Desse modo, a atuação da entidade FAU Social, assim como outras semelhantes, pode ser enquadrado no que chamamos de “tecnologia social”. A tecnologia social se caracteriza por ser um campo, cujas ações buscam ser socialmente e ambientalmente mais justas, construindo em conjunto com o grupo social, usualmente grupos pouco atendidos pelas ações estatais, promovendo a maior integração entre as pessoas e empoderamento, tanto dos projetistas quanto da comunidade. Sendo assim, o presente artigo busca exemplificar algumas das etapas da construção do projeto da praça Só Alegria, localizada no Jardim Jaqueline, assim como algumas análises, posteriores à ação para que desse modo, possibilite a crítica e replicação de alguma de suas etapas e que inspire outras ações semelhantes.

O PROJETO DA PRAÇA SÓ ALEGRIA- HISTÓRICO E INTENÇÕES

O processo de projeto desenvolvido durante o 1º semestre de 2016 no Jardim Jaqueline. A proposta teve origem no trabalho realizado por um grupo de estudantes da disciplina de Desenho Urbano da FAUUSP, em 2013, e consistia, originalmente, em um plano de revitalização de toda a favela. Quando da disciplina, parte do grupo que viria a constituir o corpo de trabalho da praça, teve contato com as líderes comunitárias locais, Nívia e Bete.

Em 2014/2015 realizou-se um grupo de extensão composto por Daniel

Collaço e William Valério sob a orientação da Karina Leitão. Devido à contextos políticos e técnicos o grupo desviou do objetivo inicial de intervenção em miolos de quadra para dedicar-se ao projeto de uma praça pública dotada de equipamentos ambientais, culturais, esportivos e recreativos segundo demanda da líder da comunidade e também por recomendação de Tatiana Zamoner, cujo Mestrado (2013) foi realizado pesquisando mais a fundo o Jardim Jaqueline. A demanda por espaços públicos dentro de favelas é gigante, não só no Jaqueline, pois todos os espaços disponíveis acabam por suprir a demanda habitacional, realizadas via autoconstrução na maioria das vezes. Sendo assim, consolidar algum espaço aberto seria de enorme valia, ainda mais se tal espaço pudesse receber crianças e jovens, que acabam não tendo, ou tendo poucos espaços para recreação, além de serem parte importante demograficamente dentro do Jaqueline cuja média de idade gira em torno dos 25 anos (ZAMONER, 2013, p. 27)

Adentrando no universo das carências e potencialidades, as mães presentes lembram que existem poucos locais de “lazer para crianças” no entorno próximo, já que os locais de lazer existentes, como o Parque (Raposo Tavares), seriam distantes para crianças pequenas (ZAMONER, 2013, p.74).

Produziu-se assim um projeto que representasse uma luta necessária e em nível suficiente para lançar etapas posteriores de orçamento e executivo, portanto, que não ficasse “só no papel” e que de fato representasse uma luta política social.

por conta dessa filiação também social, a técnica não tem como ser neutra, já que a incorporação de determinada perspectiva de valor, traduzindo alguma estratégia específica, como a de controle, dominação e lucro (...) impede que outros valores, como a sustentabilidade ambiental e empoderamento social. (CORDEIRO, 2017, p. 110)

Com a mudança do contexto político e investimentos no horizonte o projeto previa chances de ser realizado, mas para tal era necessária uma equipe maior para dar andamento aos projetos, orçamentos, negociações, contratações e finalmente construção. A FAU Social entrou no projeto, então, para auxiliar nas etapas de organização, comunicação e execução da obra. As atividades compreendiam projeto e execução de praça de 1833m² na entrada da favela Jardim Jaqueline, na zona Oeste de São Paulo.

Era prevista interação com a favela, para aval das propostas assim como negociação com poder público e privado para captação de recursos e contratação de mão de obra especializada (projetos técnicos, execução de terraplenagem, hidráulica, elétrica e drenagem). Aos alunos era oferecida uma oportunidade de compreender a complexidade da atuação da arquitetura fora da USP e um ensaio de como se posicionar frente a essas questões, demanda latente de vários estudantes da graduação.



A Praça se localiza na Rua Sebastião Gonçalves, 139 - Vila Albano, São Paulo - SP, 05542-040, próxima ao Shopping Raposo Tavares:

A Primeira Aproximação e Impressões

A primeira impressão em relação ao projeto se deu pela conversa inicial no LabHab-FAUUSP, onde foi percebida a intenção dos desenvolvedores originais do projeto em contar com o auxílio proveniente da FAU Social para as próximas etapas. Ao apresentar-lhes a entidade foi perceptível a curiosidade e a dúvida sobre como organizaríamos os Grupos de Projeto e o trabalho em si, visto que a entidade possuía um formato incomum para a comunidade FAU.

A primeira visita de campo foi realizada só com o início do projeto, onde foi possível visualizar a proximidade da praça com o Shopping Raposo

e as relações latentes entre todas as partes, como o Leroy Merlin do outro lado da rodovia Raposo Tavares. As líderes da comunidade, Nívia e Bete, resumiram o histórico da relação entre a comunidade e o shopping, do que resultara, entre outras medidas, no cercamento do terreno que serviria ao projeto. A relação da comunidade e o Shopping Raposo Tavares não foi das melhores em alguns momentos, pois o empreendimento, além de se situar sobre duas nascentes, ocupou parte da área que viria a ser a futura praça, de forma ilegal, descartando entulho da própria obra:

Na época em que o Shopping ampliou seu estacionamento sobre as nascentes em 2011, o muro que se encontrava no alinhamento da calçada foi deslocado para dentro do terreno, devolvendo o espaço público que estava sendo indevidamente apropriado(...) (ZAMONER, 2013, p.76).

Dessa forma, a atuação do grupo de projeto buscava atender uma demanda específica do Jaqueline (espaço que possibilitasse a recreação infantil) e fortalecer a luta pelo espaço. O terreno onde se propunha o projeto tinha o relevo acidentado, criando um espaço com poucas áreas planas e de difícil manejo, sendo complexa sua requalificação em praça através do projeto. As caçambas de lixo na extremidade da gleba se destacavam na primeira impressão, bastante cheias. Porém, ao mesmo tempo, a praça possuía grande potencialidade pela localização, pelo seu tamanho e principalmente pela grande vontade dos moradores e líderes de contar com esta grande área de lazer, ao lado do Centro de Educação Infantil Jardim Jaqueline. Vislumbrava-se a praça como um lugar de lazer para todas as idades, mesmo que o foco fossem crianças, pois desde o projeto inicial era previsto um programa contendo equipamentos de ginástica, teatro, horta comunitária, áreas de estar. Em uma extremidade da praça se encontrava um lava-rápido estruturado por um morador da comunidade, cuja “concessão de uso”, acordada informalmente junto às lideranças comunitárias, vinculava-se à tarefa de também observar o local para evitar focos de lixo ou ocupações.

A Metodologia de Desenvolvimento do Projeto

Para a organização interna do grupo durante a realização do projeto, foram adotados alguns métodos de execução e registros:

Visitas de Campo: foram realizadas desde o início, para conhecer o local, e entrar em contato com os moradores do Jardim Jaqueline, acompanhados das líderes da comunidade. De primeiro nos foi mostrada toda a favela, desde a parte consolidada, até barracos de

madeira construídos em cima de um córrego, correndo risco iminente de colapso. No segundo momento, tivemos várias visitas ao terreno da praça que foram tanto para coleta de dados quanto para trabalho efetivo envolvendo atividades com levantamento topográfico, atualização do projeto in loco, realização de atividades com a comunidade etc.

Acervo de fotos: Durante todo o processo, foram realizados diversos registros fotográficos, tanto da praça, da favela, das reuniões, das atividades, dos materiais produzidos, dos processos de trabalho e de reuniões com potenciais parceiros.

Pesquisa bibliográfica de referências: foram consultadas diversas fontes na internet com imagens e exemplos de projetos de espaços para áreas de lazer, paisagismo, espécies de plantas, além do acervo da biblioteca da FAUUSP e acervo pessoal dos membros do Grupo de Projeto.

Desenvolvimento do projeto em reuniões de grupo: foi realizado em sua grande maioria por reuniões presenciais no LabHab, coordenado pela Profa. Dra. Karina Leitão, que gentilmente cedeu-nos o espaço, durante todo o trabalho. As reuniões foram feitas para discutir os andamentos do projeto, assim como para produzir diversos materiais. As reuniões eram compostas pelo Grupo de Projeto da FAU Social, somados aos outros integrantes do projeto, na disponibilidade de cada um, em uma média de uma vez por semana, aumentando o número de reuniões quando necessário. Vale notar que esse espaço de reuniões foi o mais utilizado, o que por um lado afastou o grupo de projeto da comunidade. A maior justificativa para essa postura foi a de maior praticidade para o grupo, pois poderiam se encontrar no final das aulas regulares, sem ter que se deslocar e/ou separar parte de um outro dia para o trabalho. Essa condição infelizmente é comum nos cursos de arquitetura e urbanismo, que abrem poucas oportunidades na grade horária para atividades extraclasse, o que comumente acaba por consumir inclusive os finais de semana dos estudantes na realização de trabalhos acadêmicos, totalizando em média “46,7 horas por semana, ou seja nove horas e meia por dia, durante os cinco dias da semana em todos os semestres do curso” (BAROSS, 2005, p. 40)

Reuniões com representantes da comunidade Jd. Jaqueline: Além de mostrar o Jardim Jaqueline para o grupo de trabalho, apresentar a história da comunidade, os principais problemas e dificuldades enfrentadas pelos moradores, as líderes da comunidade sempre foram extremamente solícitas em diversas ocasiões. Não foram raros os momentos, principalmente durante as visitas, em que Nivea não nos

contasse alguma história da comunidade, visando nos motivar no projeto. Além das líderes da comunidade, estivemos em contato com outros coletivos do Jardim Jaqueline, como o ProGuetto e Batukai, por exemplo.

Sendo assim, o grupo se organizou em 4 etapas: Atualização da Situação; Orçamento do Projeto Inicial e Estudos de Aproximação da Comunidade; Atualização do Projeto/ Contato com Poder Público e Empresas/ Ciclo de Atividades; Aproximação com a Comunidade/ Início das Obras. Foi elaborado, no início do semestre, um cronograma segundo o qual tais atividades deveriam se realizar. Apesar de não ter sido possível cumpri-lo totalmente, as etapas se desenvolveram da seguinte maneira:

O Desenvolvimento das Etapas

Atualização da Situação: Tomou-se conhecimento da situação atual em que o projeto se encontrava e os próximos objetivos, de viabilização da sua construção. Levantou-se desde então a necessidade de revisar o projeto levando em conta o terreno real, pois o original fora realizado sobre a base disponibilizada em site da Prefeitura, e desconfiava-se de sua veracidade de detalhes. A construção da praça dar-se-ia ou por ações do Grupo de Projeto, mutirões, ou pela ação do Poder Público, caso estabelecido um vínculo e um canal de comunicação constante.

Fig. 2: Daniel Collaço. O projeto Inicial.



A emenda parlamentar, fonte de recursos provenientes do apoio do vereador, geralmente gira em torno de R\$ 150.000,00. Porém, o grupo foi informado que ela não estaria disponível em sua totalidade, e só seriam disponibilizados cerca de R\$ 50.000,00. Por isso, decidiu-se por orçar o projeto inicial para reivindicar recursos também com os entes privados, na tentativa de viabilizar a praça como um todo. Ao mesmo tempo, desejava-se construir atividades que aproximassem os moradores do Jardim Jaqueline à nova praça que iria ser construída.

Esperava-se viabilizar o projeto, ou trechos deste, através de alguma

verba proveniente do Shopping Raposo, sendo um ato de interesse mútuo frente o histórico de tensão social entre ambos. Esperava-se também conseguir verba através de emenda parlamentar de um vereador, Donato (PT-SP), que atuou por diversas vezes em trazer benefícios à comunidade do Jardim Jaqueline. A construção se daria, portanto, pela Subprefeitura do Butantã, tendo contato da Assessora do vereador, Maria Aparecida, com orientação da Secretaria de Obras do Município de São Paulo, e da arquiteta Ana Paula.

Atualização do Projeto / Contato com Poder Público e empresas / Ciclo de Atividades: Nessa etapa, o Grupo de Projeto foi dividido em duas frentes: a frente de Orçamento, e a frente de Aproximação, respectivamente responsáveis por levantar os custos da obra baseando-se nas Tabelas de Composições do SINAPI para consulta de preços por unidade de medida, provenientes da CAIXA Econômica Federal, e por planejar atividades na praça que aproximassem a comunidade ao novo espaço público que iriam ter acesso, na tentativa de criar sentimento de pertencimento e de visualizar aquela área como área da comunidade, onde crianças, adultos e idosos pudessem utilizá-la. A frente de Aproximação deveria desenvolver oficinas, encontros, churrascos, cinema ao ar livre. A necessidade de tais atividades se justificou pela vontade do grupo de que a comunidade se aproximasse ainda mais do local da futura praça, já realizando usos no local, para que dessa forma quando o espaço estivesse construído, não representasse uma mudança drástica e um ato de caridade de cima para baixo. A frente de Orçamento envolvia orçar todos os custos – Material, Mão de Obra e Equipamentos – necessários para apresentar ao poder público

O orçamento do projeto inicial resultou em uma quantia de R\$ 500.000,00, muito mais do que apenas o valor disponível de emenda parlamentar que seria de R\$ 50.000,00, deixando explícita a necessidade de investimento des entes privados, mediante o cenário político. Definiu-se que o valor disponível seria investido para a construção de um setor da praça, o que possui os Aparelhos de ginástica da Terceira Idade (ATIs) e uma casinha de madeira para crianças.

A frente de Aproximação começou a delinear a ideia de realizar um Ciclo de Atividades, que consistiria em 3 temas: Apropriação do Espaço Público, Lixo e Horta. O tema de Apropriação do Espaço Público giraria em torno da discussão do espaço público, das relações que se dão nesse espaço e as formas de apropriação; a temática do Lixo seria discutida por meio de atividades sobre a questão do lixo no espaço da praça, compreensão

do problema, levantamento das causas e apresentar alternativas para a solução; o tema da Horta seria discutido em atividades para analisar a viabilidade da sua construção em conjunto com os moradores, discutindo formas de manutenção e cuidados frequentes e das vantagens da produção de pequeno porte, além de oficina de jardinagem, horta vertical etc. Levantou-se também a questão de quem iria cuidar da Horta, moradores e/ou a CEI Jardim Jaqueline, presente na frente da praça. Essas temáticas foram sendo desenvolvidas, e começou-se a pensar em que momento seria ideal realizar este ciclo de atividades.

Ao mesmo tempo, o projeto seguiu com o acompanhamento à distância da arquiteta Ana Paula, da Secretaria de Obras, com quem foi estabelecida uma interlocução direta, via telefone, sobre o projeto, à medida em que foram se aproximando às etapas mais práticas, iniciando-se o planejamento para uma possível obra por intermédio do Poder Público. Contatos na Subprefeitura e Secretaria de Obras foram acionados para tomar conhecimento do projeto como um todo. Esse momento foi fundamental na construção do espaço, a partir do momento em que diversos entes públicos foram acionados a possibilidade da conclusão de pelo menos algum setor da praça se tornava cada vez mais real. Novas áreas para alocação dos programas foram delineadas com base na percepção territorial nas visitas, assim como as novas entradas da praça, construindo o projeto e revisando-o constantemente para atingir um resultado mais satisfatório, que coubesse no orçamento reduzido, portanto simplificando a interlocução entre as áreas da praça de modo a ter que movimentar a menor quantidade de terra possível, pois demonstrou ser um fator de grande peso no orçamento.

Para isso, determinou-se necessário realizar um novo levantamento topográfico da Praça, para que as curvas de nível do projeto estivessem o mais próximo possível da realidade na hora de realizar o projeto final a ser enviado para a Secretaria de Obras, onde seria iniciada sua execução. Para isso, o Grupo de Projeto entrou em contato com o Prof. Dr. Edvaldo Simões, do departamento de Engenharia de Transportes da Engenharia Civil, Escola Politécnica da USP, para saber se havia algum aluno que poderia nos auxiliar voluntariamente no trabalho. Foi indicado então o aluno Allan Costa Nunes, que com sua experiência e solicitude, manejou os equipamentos para realizar o levantamento topográfico, emprestados do departamento. Depois de aproximadamente 8 horas de trabalho na praça, realizou a transposição de dados para o computador, possibilitando o aprimoramento do projeto.

Na mesma época fora realizada uma conversa com a Profa. Dra. Catharina Pinheiro, do departamento de Projeto da FAUUSP na área de paisagismo, sobre o ciclo de atividades que gostaríamos de realizar. Contando suas experiências em atividades comunitárias envolvendo a paisagem e a memória, fez uma série de sugestões muito proveitosas para o grupo, que viria a inspirar os movimentos seguintes. Sugeriu que se incluíssemos no projeto uma área de esportes, com uma mini-quadra poliesportiva para crianças, uma demanda que já havia sido levantada pelos moradores da comunidade em contatos anteriores, porém com a dificuldade de manejar um terreno tão acidentado, e pela quantidade de árvores que o grupo tinha receio de propor a retirada de algumas delas, por estar sob controle da Secretaria do Verde, acabou por se rejeitar a ideia em um primeiro momento.

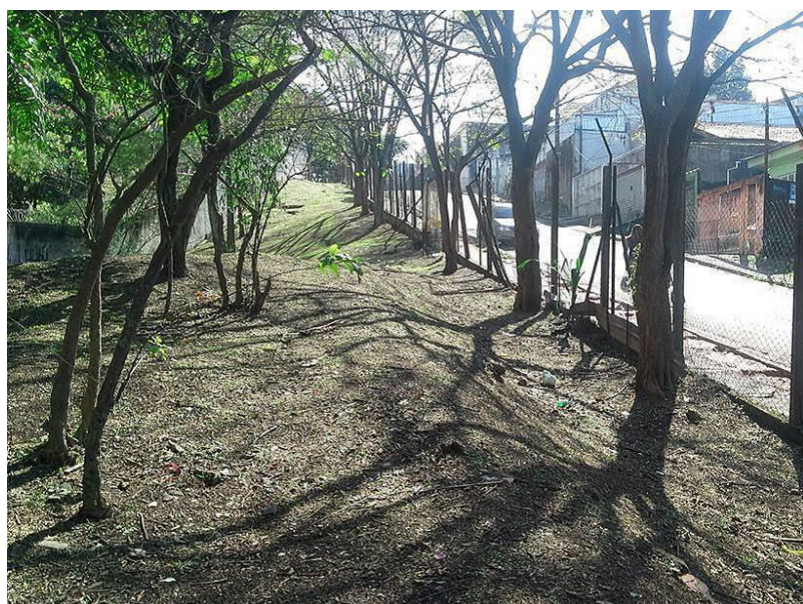


Fig. 3: Daniel Collaço e William Valério. A praça em seu estado inicial.

A professora apresentou a ideia também de produzir uma planta humanizada, colorida, de fácil entendimento, que emulasse situações reais, para mostrar aos moradores do Jaqueline. Levantou-se também a ideia da cartografia afetiva. Também sugeriu que fosse idealizada uma maneira de coletar sugestões e críticas dos moradores para construir o projeto de forma participativa, de modo que todas as ideias fossem analisadas e então definida sua viabilidade. Por último, levantou-se a ideia de realizar uma grande festa de inauguração da praça, com a

escolha de seu nome (posteriormente batizada de 'Só Alegria').

Em seguida, com o projeto já revisado baseado na nova topografia levantada e na marcação das árvores, com todos os materiais quantificados, foram modificados alguns espaços que se mostraram possíveis com o novo traçado do terreno definido, agora mais correto e realista. Acrescentada a iluminação e adequando a topografia e a inclinação das rampas, o projeto continuou sendo revisado, através do diálogo com a Ana Paula, produzindo-se também material de divulgação e pranchas para reunião com os investidores. A versão final do projeto conteve importantes modificações, já pensando em incluir demandas dos moradores. Foi possível acrescentar a mini-quadra que havia sido descartada, alterando suas medidas, a configuração de alguns caminhos, e alterando o solo na parte da grande entrada da praça, cortando o solo em 3 cotas que não haviam anteriormente. Este projeto final, mais robusto, foi idealizado pensando no investimento dos patrocinadores, que poderiam construir um projeto mais complexo do que apenas com o dinheiro da emenda parlamentar.

Fig. 4: Marina Vassarini. O projeto considerado final, planta humanizada.



Aproximação com a Comunidade / Início das Obras: Se aproximando cada dia mais da etapa final de conclusão do projeto, decidiu-se por realizar de fato o Café da Manhã/Assembleia na praça, convidando todos os moradores interessados do Jardim Jaqueline, priorizando também as crianças, que ganhariam um novo espaço de lazer. Após reunião com as

líderes da comunidade, foi definido então a data do evento iniciando-se a seguir a preparação planejamento e confecção de materiais que divulgassem a assembleia. O grupo, foi dividido novamente em duas frentes, uma que se empenhou em finalizar os desenhos do projeto e enviá-lo para a Ana Paula, e outro que ficou responsável pela produção do material de divulgação.

O projeto final da praça foi setorizado em 4 trechos, com o intuito de que cada investidor construísse um deles, de acordo com recomendações da Secretaria de Obras. Seriam divididos entre Subprefeitura, Leroy Merlin, Raposo Shopping e a empresa de panificação Bimbo, os potenciais interessados no projeto. Enfim, enviou-se todo o material para a Ana Paula, que ficaria responsável por realizar um novo orçamento com base nas quantidades de materiais e estruturas levantadas, utilizando a tabela de custos da Prefeitura, a tabela da EDIF, e em seguida fosse dada a entrada da licitação para início das obras na praça.

Concomitantemente, foi produzido o panfleto de divulgação, impresso tanto colorido quanto preto e branco pela Subprefeitura do Butantã, através de seu funcionário, Paulo Cesar Petronilho, no total de 1500 cópias de Flyers A5 e A4 no total, e mais 30 cartazes coloridos A3. Este material foi distribuído ao longo das semanas até o dia do café da manhã em pontos estratégicos, como igrejas, escolas, tanto pelo Grupo de Projeto quanto pelas líderes da Comunidade e outros moradores. O intuito era de que a notícia se espalhasse principalmente para as mães da comunidade, que não tem onde levar os filhos para brincar.

Nos dias que antecederam o Café da Manhã, o grupo produziu uma série de cartazes com trechos da planta humanizada produzida, para espalhá-los pela praça em seus locais referentes, no intuito de fazer uma visita guiada com os moradores da comunidade no dia mercado. Estes cartazes possuíam trechos da praça, ao lado de desenhos perspectivados, para ilustrar a ocupação do espaço em questão. Faixas de indicação também foram produzidas.

No dia do Café da Manhã, constatou-se a presença de uma maioria de crianças, que ficaram bastante animadas com a possibilidade de ter um novo local para lazer. As crianças foram convidadas a desenhar e escrever o que elas gostariam que houvesse na praça, assim como os adultos e jovens presentes. Estes desenhos e comentários foram colocados em uma caixa confeccionada pelo grupo de trabalho, para ser revisados. Fez-se contato com coletivos culturais do Jardim Jaqueline, o coletivo ProGuetto, através de seus representantes Alceu e Poliana, responsável

por diversas atividades culturais na comunidade, algo de que o grupo não havia obtido conhecimento anteriormente. Foram muito atenciosos e se animaram com a possibilidade de realizar atividades em conjunto com a FAU Social num futuro próximo.

Fig. 5: Joana Rodrigues. Desenhos das crianças com desejos para a futura praça.



Fig. 6: Vítor Miceli. Atividade de café da manhã na futura praça.



A Continuação do Projeto no Segundo Semestre

No segundo semestre de 2016, o projeto foi renovado ao ser selecionado novamente para compor o quadro de projetos da entidade. Com isso,

demos continuidade às atividades da praça e, para viabilizarmos a concretização da mesma, nos empenhamos em reforçar contato com as esferas (pública e privada) que já tinham sido contatadas na primeira fase do projeto. Para isso, uma das ferramentas utilizadas foi a elaboração de desenhos que tornassem mais fácil o entendimento da proposta para os possíveis parceiros, de modo a facilitar a interlocução. Além do orçamento para estimar os custos, a planta do projeto foi “humanizada”, aproximando-a de uma vista superior figurativa, com a representação dos pisos, vegetação, escalas, mobiliário, equipamentos, assim como uma série de perspectivas.

De tal forma a praça começou a ser construída. A atuação da Subprefeitura do Butantã começou em setembro e foi até novembro, não obstante algumas dificuldades no caminho que implicaram em mudanças no projeto e adaptações técnicas. Apesar do cuidado na elaboração do projeto, logo nos primeiros movimentos da construção da praça, as diretrizes espaciais (e até programáticas) foram modificadas: platôs tiveram forma e posicionamento modificados, além da remoção de árvores que seriam mantidas pelo projeto original.

Do ponto de vista dos técnicos que realizaram a movimentação de terra, a justificativa foi de que não havia espaço para passar com o maquinário entre as árvores, de modo que eles reinventaram o posicionamento dos platôs em função da praticidade do trabalho. Já do lado do LabHab/FAU-Social, nossa percepção maior foi a de uma falha de comunicação entre o grupo projetista e a subprefeitura, que não nos avisou do início das obras, tampouco das modificações realizadas in loco. Posteriormente, reconhecemos qualidades nas modificações, mas outros pontos positivos, previstos no projeto, tiveram de ser repensados ou descartados.

O grupo avalia que um dos pontos problemáticos do processo de construção da praça reside no formato de contratação da empresa que executou parte dos platôs e caminhos - e, por consequência, numa problemática da empresa em si. Como o grupo de extensão não possuía qualquer vínculo direto com a empresa executora, e esta possui relativa autonomia para execução do trabalho, não foi possível orientar, de todo, as modificações de adaptação do projeto à nova realidade do terreno. A título de exemplo, a plataforma de concreto que dá suporte para o programa do ATI, foi concretada sem armadura e sobre um pequeno aterro apiloado, feito com terra retirada do que se previa como suporte para o futuro palco de apresentações. Outro fator que deve ser pontuado é de que o processo de contratação da empresa foi via licitação pública,

o que acarretou na escolha do menor preço e não necessariamente na empresa mais qualificada para realizar o serviço, o que infelizmente não é uma prática incomum conforme elucida o seguinte trecho: “se apresentam como do tipo “menor preço”, trazendo consigo, muitas vezes, a baixa qualidade dos produtos e gerando prejuízos à administração pública, além de situações de recompra, quebras de contrato, etc” (BOTTI, DENARDIM, MEDEIROS, XAVIER, 2014, p. 471) Ainda que a arquiteta Ana Paula, da subprefeitura, tenha se mostrado solícita para resolver os problemas da obra, cremos que o diálogo não foi bom o suficiente para manter em pé de igualdade a participação do grupo de extensão no rol de agentes do projeto, quando destas primeiras etapas de construção - o que se pode atribuir, em parte, ao aparente desinteresse da construtora contratada em estabelecer esse diálogo.

Porém, apesar das dificuldades enfrentadas seguimos com nosso objetivo em mente de qualificar o espaço e transformá-lo em um lugar melhor para todas as famílias.

Com os resultados que tivemos até o momento, todos envolvidos nos projetos e principalmente as pessoas da comunidade ficaram extremamente satisfeitas, mas planejamos continuar a fazer contatos com parceiros para concluir o programa pensado para a praça.

Fig. 7: Nívia Santos, liderança da Comunidade do Jardim Jaqueline. Crianças brincando nos equipamentos recém instalados da praça.



Atividade de Encerramento e Fim do Projeto Grupo

Além da vontade em concretizar o projeto também nos preocupamos em estabelecer contato com os moradores da região e interagir com eles. Pensando nisso realizamos atividades com intuito de conscientizar e informar os moradores a respeito do que estava acontecendo na praça. Nosso público alvo nesta etapa foram as crianças da comunidade, por diversos motivos. Então, tentamos nos aproximar das escolas que ficavam próximas à praça. Foram realizadas reuniões com duas escolas estaduais próximas à comunidade (E.E. Tarsila do Amaral e E.E. Vianna Moog), pelas quais se decidiu pela E.E. Tarsila do Amaral. Em reunião, definiram-se então algumas atividades que seriam realizadas no horário disponibilizado pela escola (das 8h às 12h) no dia estabelecido, 19/11 (sábado). Uma das atividades incluía uma cartografia afetiva que estimulava as crianças a pensar no trajeto de sua casa até a praça, sempre reforçando o caráter público do espaço e as formas de apropriação.



Fig. 8: Patrick Morais de Lima. Crianças da escola na atividade da Cartografia Afetiva.

Com isso, se encerrou a atuação da FAU Social no projeto, enquanto os outros projetos que ocorriam concomitantemente sendo realizados por outros grupos de projeto também chegariam a estágios finais.

Consideração Finais

O projeto da FAU Social em conjunto com os estudantes extensionistas do

LabHab, com a Prof. (a) Karina Leitão e a comunidade do Jardim Jaqueline se mostrou desafiador desde o princípio. Como realizar um projeto com esse porte e complexidade estando inserido na graduação do curso de arquitetura e urbanismo talvez era a maior dúvida. Para enfrentar tal desafio foi de extrema importância a confluência de diversos atores, desde os próprios estudantes, até os entes externos, representando o poder público e a comunidade. A criação do diálogo com todas essas vias nem sempre foi fácil e fluente, talvez representado no primeiro momento de obras, o que alterou o projeto da praça sem que houvesse comunicação prévia. A legitimação da universidade frente à população do Jardim Jaqueline também foi um fator fundamental, onde não somente a USP por meio da FAU teria realizado estudos/atividades, a citar o estudo de Tatiana Zamoner (2013), mas conforme nos contou Nivea, outras universidades já realizaram diversas atividades com a população, desde atividades culturais até estudos de caso.

Analisando criticamente a atuação do grupo em contato com a comunidade podemos dizer que a ação, mesmo que tivesse tido um resultado interessante, da construção do local e que possibilitou o uso pela população, ainda sim houve a limitação do que seria de fato a “extensão” como teorizou Paulo Freire, “que a extensão é educativa” (FREIRE, 1983, p.12) e frente ao tempo que poderíamos dispor para realizar atividades de maior contato com a população local, conforme já elucidou Barossi (2005), era pequeno. Mas retomando Paulo Freire, tínhamos noção que era necessário pois “toda demora na primeira, demora simplesmente ilusória, significa um tempo que se ganha em solidez, em segurança, em autoconfiança e interconfiança que a antidialogicidade não oferece” (FREIRE, 1983, p.33). Pela organização do grupo, foram poucos os momentos de contato com interessados sobre o desenho do espaço e seu programa. O café da manhã realizado no local, contou com um caráter elucidativo, em que levamos o projeto já desenhado e apresentamos à população, que por mais que fizéssemos questão de ressaltar que não era o desenho final e que estávamos abertos à críticas e mudanças, foram poucos, se houveram, os habitantes que questionaram as decisões projetuais. Havia ali, uma tênue separação entre “os que sabiam” e “os que recebiam”. A adoção de maior tempo e disponibilidade para reuniões com os interessados da população com o grupo de projeto para que pudessem sentar à mesa com folhas em branco. Ademais, em alguns momentos a aproximação foi possível e proveitosa.

Ou seja, é, por um lado, inegável que os estudantes que tomam parte nessas atividades de extensão são profundamente exercitados nas habilidades não técnicas fundamentais do engenheiro educador- empatia, capacidade de dialogar, senso crítico e abertura para conhecer melhor o mundo. (CORDEIRO, 2017, p. 200)

Vale ressaltar também os limites da atuação estudantil frente a esse projeto. A apropriação do espaço, por mais que tenha sido efetiva, podendo observar vários usos pela população, inclusive utilizando luzes de celulares na ausência de iluminação pública, não foi completamente proveitosa. No decorrer às atividades na E.E. Tarsila do Amaral, outros espaços foram construídos por entes privados, mas infelizmente a qualidade dos materiais nas intervenções não foi das melhores. A quadra poliesportiva em poucas semanas já se encontrava com alambrado e traves caídas, os bancos pichados. A limitação do projeto pode ser observada na ausência de um plano de gestão/manutenção do espaço, que acabou sendo construído em partes, dificultando a articulação pela manutenção do espaço. Fica clara a necessidade, assim como na “cidade formal”, de constante manutenção dos espaços nas periferias. Por fim, a necessidade de maiores aberturas e incentivos para ações universitárias em confluência com a sociedade externa ao meio acadêmico é latente. O exemplo desse projeto demonstra que a integração universidade e comunidade gera frutos proveitosos e de certa forma “inéditos”. (Prefeitura de São Paulo, PPPP: Butantã inaugura inédita parceria entre poder público, iniciativa privada e população. <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/butanta/noticias/?p=69341>, acessado em 20/08/2018)

Constituíram o grupo de projeto, além dos autores: Gabriela Takahashi Takiuti, Amanda Dias Rossi, Elisa Zocca Carneiro, Mariana de Paola, Julio Herminio Bressan Martins, Lucas Piaia Petrocino, Beatriz Sayuri Nobumoto, Patrick Lima, Isabel de Vivo, William Valerio, Daniel Collaço e Bruna Sato, todos graduandos pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e Beatrice Gevi, da Facoltà di Architettura di Genova, Itália e com auxílio da Professora Doutora Karina Leitão, que leciona na área de Planejamento Urbano do Departamento de Projeto.

Referências

- ABBADE, E.; DENARDIM, E.; MEDEIROS, F.; XAVIER, S. **Qualidade dos produtos e serviços em licitações do tipo menor preço: um estudo em uma câmara de vereadores do Rio Grande do Sul.** In REGE, São Paulo – SP, v. 21, n. 4, p. 469-486, out./dez. 2014.
- BAROSSA, A. **Ensino de projeto na FAUUSP: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2005.
- CORDEIRO, C. **Tecnologia social: fundamentações, desafios, urgência e legitimidade.** Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.
- FREIRE, P. **Comunicação ou extensão?** Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra. 1983. 8. ed.
- ZAMONER, T. **Jardim Jaqueline: a disputa pela paisagem entre a cidade formal e a ocupação espontânea.** Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2013.

Ilustração de abertura do artigo
produzida pelo bolsista indisciplinar
Luis Henrique Marques